# A vida na linha de produção

A Revolução Industrial produziu uma combinação sem precedentes de energia abundante e barata com matérias-primas abundantes e baratas. O resultado foi uma explosão na produtividade humana. A explosão fez-se sentir, em primeiro lugar, na agricultura. Geralmente, quando pensamos na Revolução Industrial, pensamos numa paisagem urbana de chaminés a expelir fumo, ou no sofrimento dos mineiros de carvão explorados, transpirando debaixo da terra. Mas a Revolução Industrial foi, acima de tudo, a Segunda Revolução Agrícola.

Durante os últimos 200 anos, os métodos de produção industrial tornaram-se o sustentáculo da agricultura. Máquinas como os tratores começaram a assumir tarefas que eram antes executadas por energia muscular, ou apenas não executadas. Os campos e os animais tornaram-se muitíssimo mais produtivos graças a fertilizantes artificiais, inseticidas industriais e todo um arsenal de hormonas e medicamentos. Refrigeradores, navios e aviões tornaram possível armazenar a produção durante meses e transportá-la de maneira rápida e barata para o outro lado do mundo. Os europeus começaram a alimentar-se de carne fresca argentina e sushi japonês.

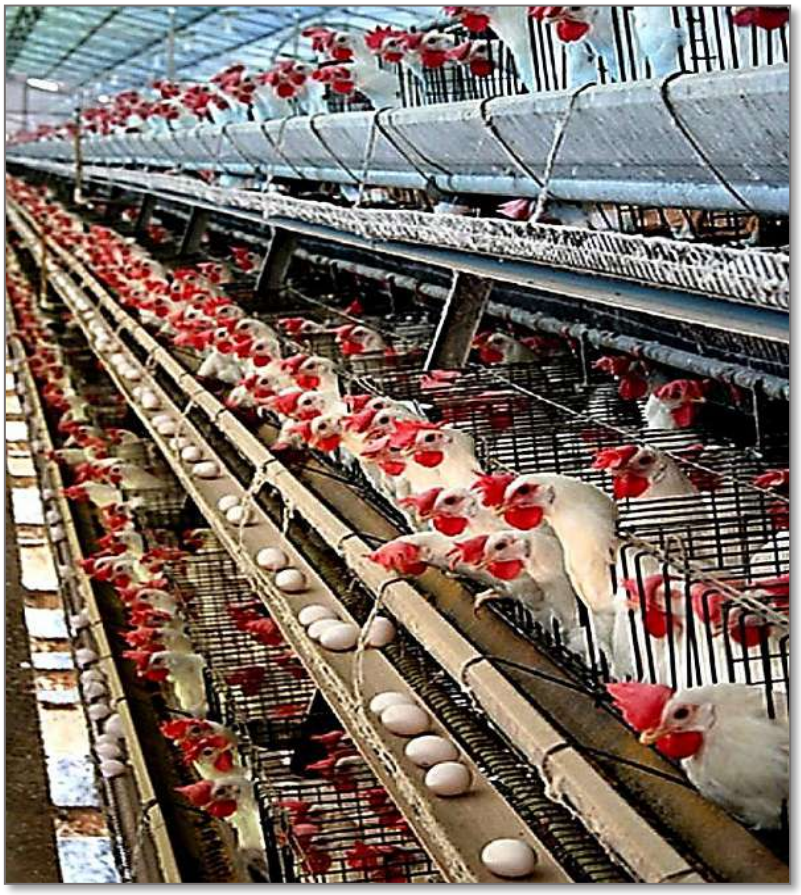
Até mesmo as plantas e os animais foram mecanizados. Mais ou menos na mesma época em que o *Homo sapiens* foi elevado a um estatuto divino pelas religiões humanistas, os animais domésticos deixaram de ser vistos como criaturas vivas capazes de sentir dor e sofrimento e passaram a ser tratados como máquinas.

Hoje, esses animais são muitas vezes criados de forma intensiva em instalações similares a fábricas, e os seus corpos são moldados de acordo com as necessidades industriais. Passam a vida inteira como engrenagens em linhas de produção gigantes, e a duração e a qualidade da sua existência são determinadas pelos lucros e perdas das empresas. Mesmo quando a indústria tem o cuidado de os manter vivos, razoavelmente saudáveis e bem alimentados, não tem nenhum interesse intrínseco nas necessidades psicológicas e sociais dos animais (exceto se estas tiverem um impacto direto sobre a produção).

As galinhas poedeiras, por exemplo, têm um mundo complexo de impulsos e necessidades comportamentais. Sentem o desejo intenso de explorar o seu ambiente, debicar e procurar alimento, determinar hierarquias sociais, construir ninhos e cuidar

da aparência. Mas a indústria de ovos muitas vezes tranca-as dentro de gaiolas minúsculas, e não é incomum apertarem quatro galinhas numa única gaiola, cada uma delas com um espaço de cerca de 25 por 22 centímetros. As galinhas recebem comida suficiente, mas são incapazes de reivindicar um território, construir um ninho ou de se envolver noutras atividades naturais. Na verdade, a gaiola é tão pequena que, em geral, elas nem conseguem abrir as asas ou ficar completamente direitas.

*Pintainhos num tapete de uma incubadora comercial.*
*Os pintainhos machos e fêmeas imperfeitos são retirados do tapete e asfixiados em câmaras de gás, atirados para trituradores automáticos ou simplesmente para o lixo, onde morrem esmagados.*
*Centenas de milhões de pintainhos morrem todos os anos nestas incubadoras.*



Os porcos estão entre os mamíferos mais inteligentes e curiosos, ficando possivelmente só atrás dos grandes primatas. Mas as indústrias de criação de porcos adotam a prática rotineira de confinar porcas lactantes dentro de cubículos de madeira tão pequenos que elas são literalmente incapazes de se virar (muito menos caminhar ou procurar comida). As porcas são mantidas nesses cubículos dia e noite, durante

quatro semanas depois de parir. A sua prole é retirada para ser engordada, e as porcas são inseminadas com a próxima leva de leitões.

Muitas vacas leiteiras passam quase toda a vida no interior de pequenas cercas, a pisar e a dormir sobre a própria urina e excrementos. Recebem a sua porção de alimento, hormonas e medicação através de um conjunto de máquinas e são ordenhadas a cada poucas horas por outro conjunto de máquinas. A vaca é tratada como pouco mais do que uma boca que consome matérias-primas e um úbere que produz uma mercadoria. Tratar criaturas vivas que têm mundos emocionais complexos como se elas fossem máquinas causa-lhes não só desconforto físico, como também um grande stresse social e frustração psicológica.

Assim como o comércio de escravos no Atlântico não teve na sua origem o ódio em relação aos africanos, a indústria animal moderna também não é motivada por animosidade. É sim, e mais uma vez, alimentada pela indiferença. A maioria das pessoas que produzem e consomem ovos, leite e carne raramente param para pensar no destino dos frangos, vacas ou porcos cuja carne e produtos estão a comer.

Aqueles que pensam muitas vezes argumentam que tais animais realmente pouco diferem das máquinas, sendo desprovidos de sensações e emoções, incapazes de sofrer. Ironicamente, as mesmas disciplinas científicas que criam as nossas máquinas de leite

e de ovos têm demonstrado, para além de qualquer dúvida, que os mamíferos e as aves têm uma composição sensorial e emocional complexa. Eles não só sentem dor física como também podem sentir sofrimento emocional.

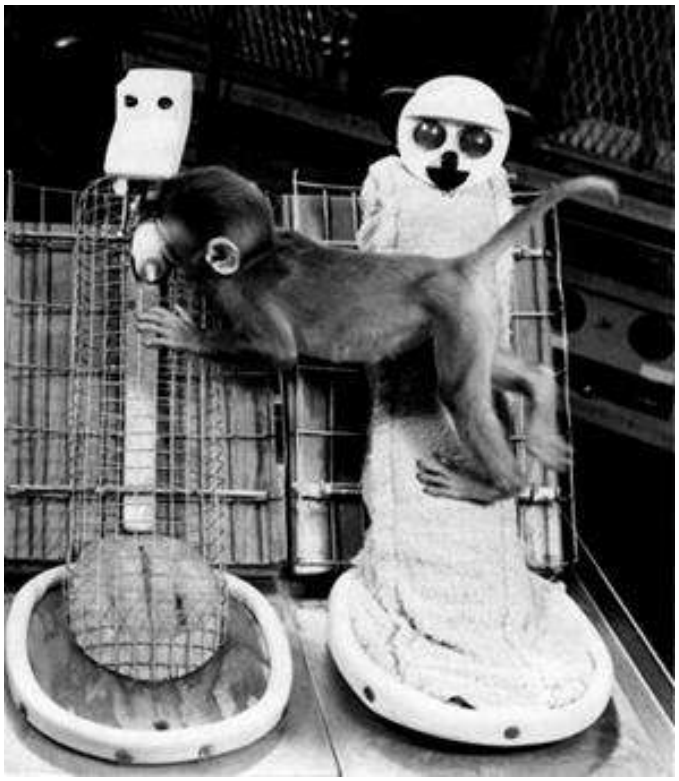
Segundo a psicologia evolutiva, as necessidades emocionais e sociais dos animais domésticos evoluíram na natureza, onde foram essenciais para a sobrevivência e a reprodução. Por exemplo, uma vaca selvagem precisava de saber relacionar-se com outras vacas e bois, ou não seria capaz de sobreviver e se reproduzir. Para aprender as capacidades necessárias à sobrevivência, a evolução criou nos bezerros – e nos filhotes de todos os outros mamíferos sociais – um intenso desejo de brincar (é a brincar que os mamíferos adquirem novas habilidades sociais). E criou neles um desejo ainda mais intenso de estar junto da mãe, cujo leite e cuidados eram essenciais para a sua sobrevivência.

O que acontece se, hoje, um agricultor separa uma bezerra da mãe, a coloca numa jaula, dá-lhe comida, água e inoculações contra doenças, e quando ela tiver idade suficiente, a insemina com esperma de boi? Numa perspectiva objetiva, essa bezerra já não precisa do vínculo com a mãe, nem de companheiros de brincadeira, para sobreviver e se reproduzir. Mas, numa perspetiva subjetiva, ela ainda sente um intenso desejo de estar junto da mãe e de brincar com outras crias. Se esses desejos não forem atendidos, a bezerra sofre muitíssimo.

Essa é a lição elementar da psicologia evolutiva: uma necessidade formada na natureza continua a ser sentida subjetivamente, mesmo que já não seja necessária para a sobrevivência e a reprodução nas explorações industriais. O que há de trágico na agricultura industrial é que ela se ocupa muito das necessidades objetivas dos animais, mas negligencia as suas necessidades subjetivas.

A verdade dessa teoria é conhecida pelo menos desde os anos 1950, quando o psicólogo norte-americano Harry Harlow estudou o desenvolvimento dos macacos. Harlow separou macacos recém-nascidos das suas mães várias horas após o nascimento. Os macaquinhos foram isolados dentro de gaiolas e criados por mães artificiais.

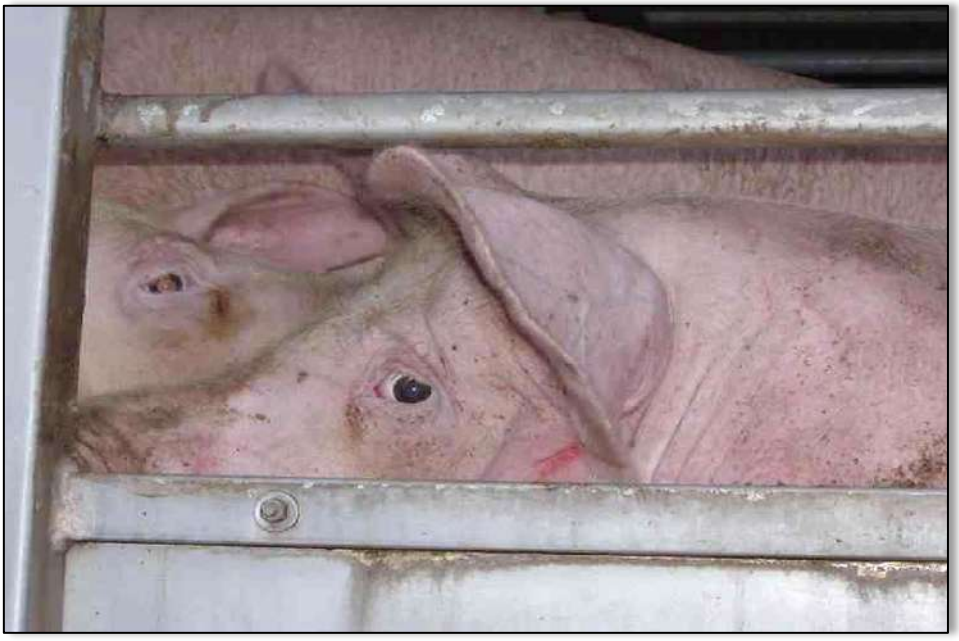
Em cada gaiola, Harlow colocou duas mães artificiais. Uma era feita de fios de metal e equipada com uma mamadeira na qual o macaquinho podia mamar. A outra era feita de madeira coberta com tecido, o que fazia lembrar uma mãe macaca de carne e osso, mas não fornecia ao macaquinho nenhum sustento material. Presumia-se que os macaquinhos se agarrariam à mãe de metal e não à mãe de madeira. Para surpresa de



Harlow, os macaquinhos mostraram uma preferência notável pela mãe de madeira, passando a maior parte do tempo com ela. Quando as duas mães eram colocadas bem próximas uma da outra, os macaquinhos agarravam-se à mãe de madeira, mesmo enquanto se esticavam para sugar leite da mãe de metal. Harlow suspeitou que talvez os macaquinhos fizessem isso porque sentiam frio. Colocou então uma lâmpada elétrica dentro da mãe de metal, que agora irradiava calor. A maioria dos macaquinhos, exceto os muito jovens, continuou a preferir a mãe de madeira.

As pesquisas seguintes mostraram que os macacos órfãos de Harlow, ao crescer, ficaram emocionalmente perturbados, embora tivessem recebido todos os nutrientes de que necessitavam. Eles nunca se adequaram à sociedade dos macacos, tinham dificuldade em comunicar com outros macacos e sofriam de níveis elevados de ansiedade e agressão. A conclusão era inevitável: os macacos devem ter necessidades e desejos psicológicos que vão além das suas necessidades materiais e, se essas necessidades e desejos não forem satisfeitos, sofrem muitíssimo. Os macaquinhos de Harlow preferiam ficar junto da mãe coberta de tecido porque buscavam não apenas leite, mas também um vínculo emocional.

Nas décadas seguintes, vários estudos mostraram que essa conclusão se aplica não só aos macacos, mas também a outros mamíferos e às aves. Hoje, milhões de animais de explorações agrícolas são submetidos às mesmas condições dos macacos de Harlow, quando os agricultores separam por sistema bezerros, cabritos e outros filhotes das suas mães para serem criados em isolamento.



Ao todo, dezenas de milhões de animais domésticos vivem hoje como parte de uma sistema de produção mecanizado, e cerca de 50 mil milhões deles são abatidos anualmente. Estes métodos industriais de criação de animais levaram a um nítido aumento na produção agrícola e nas reservas de alimento dos seres humanos.

Junto com a mecanização do cultivo de plantas, a pecuária industrial é a base de toda a ordem socioeconómica moderna. Antes da industrialização da agricultura, a maior parte dos alimentos produzidos em explorações agrícolas era "desperdiçada", dando alimento a camponeses e animais domésticos. Só uma pequena percentagem estava disponível para alimentar artesãos, professores, padres e funcionários. Consequentemente, em quase todas as sociedades, os camponeses compreendiam mais de 90% da população.

Após a industrialização da agricultura, é necessário um número cada vez menor de agricultores para alimentar um número crescente de operários e funcionários administrativos. Hoje, nos Estados Unidos, apenas 2% da população vive da agricultura, mas esses 2% produzem o suficiente não só para alimentar toda a população do país, como também para exportar excedentes para o resto do mundo. Sem a industrialização da agricultura, a Revolução Industrial urbana jamais poderia ter acontecido – não teria havido mãos e cérebros suficientes para trabalhar em fábricas e escritórios.

Yuval Noah Harari
*Sapiens. História Breve da Humanidade*
Elsinore, 2017
(Adaptação)

# A vida na linha de produção

**1. De acordo com o texto, como é que a Revolução Industrial transformou a agricultura e a alimentação global nos últimos 200 anos?**

**2. Que importância dá a indústria agropecuária às necessidades psicológicas e sociais dos animais criados de forma intensiva?**

**3. Enumera as limitações que as galinhas poedeiras enfrentam nas gaiolas onde são encerradas.**

**4. Comenta a forma como as porcas, que são mamíferos inteligentes e sensíveis, são tratadas na indústria de criação.**

**5. Que consequências físicas e psicológicas sofre uma vaca leiteira ao ser tratada como um simples instrumento de produção? Transcreve a informação relevante.**

**6. As experiências do psicólogo norte-americano Harlow provocaram imenso sofrimento nos macacos. Explica por que razão tal crueldade foi replicada pela indústria agropecuária junto de bezerros, cabritos e outros filhotes de animais.**

**7. Achas que existe contradição entre o avanço científico que nos permitiu mecanizar a agricultura e o modelo de produção industrial que deprecia as necessidades dos animais? Justifica.**

**8. "A ciência diz-nos como os animais se sentem, mas não nos diz o que fazer com esse conhecimento." Concordas com esta afirmação do filósofo francês Aurélien Barrau? Fundamenta a tua resposta.**